



EIXO CAPITAL

ALEXANDRE DE PAULA / alexandresouza.df@dabr.com.br

À espera da reforma

Muitos nomes do Distrito Federal aguardam a discussão da reforma política no Congresso Nacional para decidir o caminho que seguirão em 2022. A definição das regras vai balizar as estratégias para o próximo pleito. Na Câmara Legislativa, a expectativa é grande. Distritais que planejavam disputar uma vaga de deputado federal tendem a mudar de ideia e buscar a reeleição se as alterações dificultarem o acesso a uma cadeira no Congresso.

Ed Alves/CB/D.A Press



Modo campanha

O governador Ibaneis Rocha (MDB) ligou mesmo o modo campanha. Todas as últimas agendas públicas do emedebista têm tom de preparação para a disputa ao Buriti em 2022. Nesta semana, fez dois eventos, lotados e com aglomeração, no Palácio. Em um deles, disse ao discursar: "O povo que votou em Ibaneis Rocha não sabia em quem estava votando, era apenas uma esperança de um advogado bem-sucedido que tinha vontade de trabalhar pela cidade onde nasceu. Hoje, depois de dois anos e meio de governo, a população do Distrito Federal já tem todas as condições de dizer que acertou no voto". Mais direto, impossível.



Mais mudanças na Luos

A Câmara Legislativa vai avaliar, no segundo semestre, um projeto de lei — muito aguardado pelo setor produtivo — com correções na Lei de Uso e Ocupação do Solo (Luos). Porém, as mudanças na legislação aprovada em 2018 não serão só essas. O GDF sinalizou aos distritais que enviará uma série de projetos com alterações por regiões administrativas. O fatiamento deve facilitar a aprovação dos textos mais consensuais, que poderão ser avaliados em votações diferentes daquelas dos PLs com temas mais polêmicos.

Marcelo Ferreira/CB/D.A Press



MDB mais forte

Partido do governador Ibaneis Rocha, o MDB no Distrito Federal quer se fortalecer nas eleições do ano que vem. A legenda é comandada pelo presidente da Câmara Legislativa, Rafael Prudente. Ele espera eleger de três a quatro distritais e emplacar um nome para deputado federal, além da reeleição de Ibaneis.

Proibido usar máscara?

Nos eventos do Palácio do Planalto, a exigência do uso de máscaras para autoridades virou ficção. Ministros e o presidente da República dispensam o item de proteção com frequência, mesmo em ambiente fechado e sem distanciamento. A ministra-chefe da Secretaria de Governo, Flávia Arruda (PL-DF), costuma ser uma das exceções. Nas últimas agendas, entretanto, tem seguido o mau exemplo dos colegas ao discursar e retirar a proteção do rosto. Importante lembrar que o vírus ainda circula (e muito).

Valorização

Mulheres negras do Distrito Federal poderão ser contempladas com financiamento de projetos pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa. A pasta abriu edital de chamamento, ontem, para beneficiar as artistas que contribuam com a produção no DF e Entorno. Iniciativa semelhante foi divulgada recentemente com foco no público LGBTQIA+.

Evaristo SA/AFP



Falha

O presidente da CPI da Covid, senador Omar Aziz (PSD-AM), causou polêmica e forte reação das Forças Armadas ao falar sobre o envolvimento de militares no suposto esquema na compra de vacinas. Mas Aziz cometeu um deslize histórico ao reforçar a ideia de que não houve corrupção durante o regime iniciado em 1964. Quem leu obras como *10 reportagens que abalaram a ditadura* sabe que isso passa bem longe da verdade.

"Os presos já estão em isolamento. Não tem que dar prioridade a preso, não. Na vacinação, tem que dar prioridade para a sociedade."

Marcos do Val (Podemos-ES), senador

"Fui interrompido por uma asneira absurda. Condenar pessoas à morte é o que ouvi aqui (...) Você e suas milícias, sejam das redes sociais, sejam de qualquer lugar, não me intimidam."

Randolfe Rodrigues (Rede-AP), senador, que, depois, pediu a retirada da relação feita entre milícias e Marcos do Val das notas taquigráficas



Reprodução/Internet



Vinicius Cardoso/Esp. CB/D.A Press

Acompanhe a cobertura da política local com @alexandrepaulas

>> entrevista OTÁVIO NÓBREGA, PROFESSOR DE IMUNOLOGIA NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UNB)

Durante o programa *CB.Saúde*, especialista alertou que aplicação de doses em excesso pode comprometer defesas do organismo

Contra covid-19, qualquer vacina é suficiente

» MARIANE RODRIGUES

Em entrevista ao *CB.Saúde* — parceria do *Correio* com a *TV Brasília* —, Otávio Nóbrega, professor de imunologia na Universidade de Brasília (UnB), comentou alguns dos efeitos das vacinas contra a covid-19 no organismo e ressaltou a importância da imunização coletiva para redução dos casos e das mortes provocadas pela doença. No programa, transmitido ontem, o diretor científico da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia no DF alertou que a aplicação de doses em excesso pode gerar "suicídio" das células de defesa do organismo, bem como prejudicar o atendimento do restante da população. Confira os principais trechos da conversa com a jornalista Carmen Souza:



essa é uma medida que o governo de São Paulo busca replicar, na tentativa de antecipar o grau máximo (de proteção) que se atinge com o imunizante. Ainda não se sabe se é possível (ter o resultado esperado). Mas, se a doença não for controlada, nada impede que outra variante surja.

Pensando no fato de que não há vacina disponível para todo mundo, antecipar a segunda dose é uma estratégia interessante?

No caso das variantes existentes, principalmente a Gama — identificada primeiro no Brasil —, estudos clínicos mostram que, no caso da CoronaVac, aguardar 21 dias para a segunda dose, e da Oxford/AstraZeneca, esperar três

meses (para aplicação do reforço) não é uma questão simples de atraso, não é uma questão de logística de distribuição, é por eficácia mesmo.

Outra estratégia, essa adotada no Rio de Janeiro, é combinar doses. Qual a opinião do senhor nesse sentido?

Isso aconteceu por uma situação específica, com a vacina da AstraZeneca, por uma questão de cautela. Há suspeitas de trombose em gestantes relacionada a esse imunizante. Mas essa doença é muito comum e pode ter ocorrido por outro fator, não pela vacina. Ainda não há uma relação de causalidade estabelecida. Aconteceu em uma pessoa de um gru-

po de 100 mil imunizados. Se formos analisar, na população, a trombose acontece em uma a cada 10 mil pessoas. Ou seja, (o registro) foi até mais raro entre os vacinados. Como aconteceram alguns casos com gestantes, o Programa Nacional de Imunização optou por não aplicar o reforço dessa vacina para as grávidas que haviam sido imunizadas com a primeira (dose). Nesse caso, possibilitou-se a troca. A recomendação, porém, é de não haver intercambialidade. Começou com uma vacina? Tome a segunda dose da mesma (marca) se não estiver grávida.

Um homem de Minas Gerais tomou quatro doses de três fórmulas diferentes. Qual é o risco desse tipo de comportamento?

O risco é provocar o efeito contrário. Doses elevadas e repetitivas, em vez de estimularem os nossos linfócitos (células de defesa do organismo), podem, na verdade, determinar que esses linfócitos morram, ou seja, uma morte celular programada. Eles ficam hiperestimulados pela vacina e, em vez de terem vida longa, suicidam-se. E, não permanecendo vivos, deixam o indivíduo desprotegido, mais vulnerável.

Qual a consequência para quem escolhe qual vacina tomar?

A consequência, em termos individuais, é de a pessoa perma-

necer desprotegida por um tempo maior. Qualquer vacina é suficiente para proteger do vírus. E, em termos coletivos, essa pessoa também está expondo outras quando ocupa uma vaga. Principalmente aqui no Distrito Federal, onde a imunização é feita com base em agendamento.

Podem surgir outras formas de imunização, como a vacina por inalação, por exemplo?

A vacina contra a covid-19 deverá, com o tempo, integrar o Programa Nacional de Imunização de forma continuada, passando a fazer parte de nossas políticas de vacinação periódicas e, talvez, ser uma dose sazonal, como aquela contra a gripe. Há desenhos para tentar integrá-la com essa contra a gripe, em uma vacina única, administrada com uma só injeção, para maximizar a proteção das pessoas. Da mesma forma que já se estuda a combinação de diferentes estratégias, pois sabe-se que a tecnologia usada nas da AstraZeneca e da Janssen, que é de um vetor viral não replicante, é diferente daquela usada na CoronaVac, de vírus inativado. A princípio, vejo bastante benefício na tentativa de fazerem estudos clínicos que conjuguem as duas estratégias. Dois mecanismos diferentes, agindo conjuntamente no organismo e (resultando) da mesma aplicação para conferir a imunidade contra a doença. É possível.

O que a variante Delta — identificada primeiro na Índia — representa para o Brasil?

Qualquer nova variante é preocupante. A proliferação delas pode afetar a eficácia das vacinas existentes. Para nossa satisfação, todas as vacinas hoje disponíveis são eficazes contra a Delta. Existe um caso, porém, da variante Be-

ta, prevalente na África do Sul, em que há conhecimento de que a vacina Oxford/AstraZeneca não é tão eficaz contra ela.

O governo de São Paulo anunciou o adiamento da segunda dose. Isso é possível?

A Inglaterra também decidiu que anteciparia a segunda dose, e